



# GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista  
(Literario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da  
Junta Municipal de Guimarães  
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO

*Pardiez! sete arrebolones  
Me peçaron á la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascos  
VALÉNTID*

Director:  
D. José Ferrão.

— Adm. e Editor:  
Domingos Ribeiro.  
Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua do Gil Vicente, 34 e 36 — GUIMARAES

## QUEM VIVE?

Mais estúpido do que um escaravelho rolando e rebolando horas inteiras o excremento esferoidal do burro, só uma coisa existe: a cornamentalidade conservadora, a parvoíce universal dos que tem que perder... e que ganhar.

Herança pódre do seculo desanove que o gereceu, ele pesa na sociedade actual como um trambólho que urge remover do nosso caminho para que encurtado seja a larga estrada do nosso triunfo.

Não nos pesa tanto o seu dinheiro, os seus votos, a sua influencia nas classes armadas, a sua força na officina ou no balcão, como os disparates e as incoerencias da sua imprensa.

Ai sim; ai faz o conservador o estendal da sua ignorancia e põe ao léu a miséria dos acalcanhados principios porque ainda julga reger-se; ai pede liberdade e reclama ordem, bestialisa o povo e pede instrução, exalta a democracia e aclama os ditadores, adú'a as multidões e defende os sindicatos rapinantes da finança ou da moagem. No conjunto de tanto dislate chega-se afinal a uma conclusão: se a democracia é a burla e o aleijão da politica, o conservador e a sua imprensa são o cáos e a anarquia do pensamento.

Imitador simiesco de todo o rebolço politico que lá por fora dá brado, o nosso conservador rejubila com o ventinho que lhe sopra de feição das bandas de Espanha. Intimamente remee uma certa inveja: são felizes aqueles espanhóis com o seu Primo de Rivera, os italianos com o seu Mussolini, os bavares com o seu Von Kahr, e até esses perdidos dos francezes com o seu Poincaré; só em Portugal, patria dos «tezos», não aparece um diabolino dum homem que, sem postergar as sagradas liberdades que a consciencia humana conquistou á custa de tanto sangue e de tantas lagrimas, aniquile de vez a desordem e ponha um freio á avassaladora corrupção publica, oficial e particular.

Estão, comungando ávido o pão do espirito que a sua imprensa lhe serve, o conservador embasaca na pasmada contemplação do Oriente e de lá espera que lhe venha a salvação.

Ha dois anos transia-se de medo: «E' a onda vermelha que alastra...», e trocava o seu dinheiro em libras ou em dolares. Agora gritam-lhe: «E' a maré nacionalista que sobe!», e o nosso conservador, que tem uma ideia primaria do que seja nacionalismo, exulta e acrescenta: — E' a ordem que triunfa da desordem; é a reacção conservadora esmagando a hiena revolucionaria; é o individualismo democratico consolidado pela guerra, que leva de vencida o colectivismo libertario dos petroleiros e bombistas!

«E' a maré nacionalista que sobe!... e o conservantismo comodista e bem instalado na vida sonha na idade de ouro que se aproxima: uma segunda edição, melhorada em proventos, da paz-podre liberalista, o paraizo franco da oferta e da procura, sem grêves, sem bombas, sem revoluções — a ordem, em fim.

Porque é a «ordem» que traz obcecado o nosso burguez; a reacção militarista ou cesarista que na Italia, na Espanha, na Baviera, na Saxonia ou em França amarram em coleto-de-força a epilepsia comunista, afigura-se-lhe claramente como o triunfo da sua «ordem»: o definitivo equilibrio das sociedades e das Nações dentro dos principios wilsonianos e da farrapagem politica em que a mais indecente borracheira diplomatica de todos os tempos deixou a Europa espatifada em dia de S. Martinho.

Confiado nas ditaduras e nas baionetas, na impetuosa corrente reaccionaria que reduz a lixo sistemas e mitologias politicas e o atira ao enxurro nauseante de um seculo ignobil — é de presenteira alegria o aspecto do conservador e da sua imprensa:

«E' a hora das direitas!», e o nacionalista, que o é de verdade, engulha de nójo ouvindo neste final do primeiro quartel de século vinte o mesmo estafado logar-comum dos aureos tempos do rotativismo constitucionalista...

Mas, afinal, por essa Europa fóra e na subversão geral de ideologias e de imperios, quem vive?

A democracia? o conservantismo? o militarismo? Morrem, agonizam, estrebucham os principios falidos em quasi dois séculos plenos de anarquia e de dissolução.

Só os homens vivem nesta hora-tragédia em que as tiranias trompem como tortulhos da grande montureira social.

Vive Lenine na Russia; na Italia Mussolini, e são estes dois unicos homens que dão a lei do futuro ao velho mundo.

Os que vão surgindo por essa Europa do Anti-Cristo, não são tiranos: são tiranetes. Agindo ambos ainda em nome da democracia que deles confiou a salvação, a pouco e pouco a vão estrangulando numa obediencia passiva á fatalidade que de remotas eras a persegue e a entrega indefesa e mazelada ás matricidas mãos de todos os Cesares.

Estamos assistindo aos funerais da democracia. O instinctivo pudór politico dos tiranos impede-os ainda de engirem a corça d'ouro dos reis de Roma e a

purpurea toga dos imperadores. Lá chegaremos Como sempre, a historia repete-se. Virão ainda os barbaros antes de nós chegarmos. E o mundo será convulsionado por mais lutas, e mais ruínas se amontoarão sobre a Europa escaqueirada, e mais ideias morrerão á mingna da «ordem», e mais sangue correrá a ensopear os velhos sistemas e as derrancadas nações. Virão os barbaros, sim, antes de nós chegarmos, mas nós chegaremos por fim.

Idada a Europa de ditaduras ou de estropeadas democracias escoradas na militança, bom é que as energias nacionalistas se não deixem embair e adormecer ante o cesarismo estrangeirado que triunfa. Grande foi o nosso esforço para reduzir á esterilidade e á impotencia esse abórto da democracia, senhora outrora das almas e dominadora ainda dos Estados decadentes. Maior terá de ser amanhã, quando preciso for derrubar a tirania.

Quem vive?... Vive Lenine na Russia e Mussolini na Italia. Mas quando a consciencia nacional reagir de vez e atirar ás urtigas a nojenta moxinifada que o está envenenando, só nós viveremos na Terra Portuguesa livre, livre de piratas e de traficantes, livre de ditaduras e de parlamentos!

Cesar A. d'Oliveira.

## ET NUNCA ET SEMPER

Em todos os centros de conversação, facilmente se verifica hoje, quanto de interesse tem para a discussão a questão fascista que ainda ha pouco salvou a Italia duma subversão tão prestes.

O exaltar desse esforço colossal e vitorioso é constante, e dia a dia mais accentuado entre nós, por quantos, amando a Patria que lhes é berço, procuram ajoelhar melhor ante o culto da Nação.

Lançam-se por terra os faciosos mos politicos, e a onda nacionalista portuguesa cresce sem temor, alteiando o estandarte do resgate, em que rebrilha o esplendor da Tradição, com uma organica nacional que o constitucionalismo previerteu e exilou de Portugal.

De novo se desfralda a bandeira branca, tomando ao centro a Cruz de Cristo que immortalizou Portugal entre epopeias da gloria e holocaustos do renome. E os cavaleiros da Raça alinham-se em guarda ante os pesadelos da angustia que esmagam a consciencia nacional.

E' a apoteose da hora em



## Expição

*ESGUTAI: Uma voz que se lamenta,  
Soluça, enche de lagrimas o ar...  
Voz da Raça, diluindo se agoirenta,  
No carrilhão das ondas a dobrar.*

*A Patria vai morrer? Nem mesmo tenta  
Reerguer-se dentre as cinzas do seu lar.  
Sangue de MIL SEISCENTOS E QUARENTA,  
Já não tens veias onde palpar!*

*A Patria vai morrer! — O' gente nova  
Que um subito remorso vos comova,  
E abraçando-a, no pó da mesma vasa,*

*Sepultai-vos por ultimo dever.  
Suiba ao menos na morte acompanhá-la,  
Quem da morte a não soube defender!*

ALBERTO MONSARAZ.

que se reacende a dignidade portuguesa, em sua suma verdade, sobre os escombros da Liberdade que nos fusilou as liberdades nacionais.

A restauração da Nação é o melhor anelo da geração que vem despontando em nobre guarda d'honra, entoando o cantico sublime da Salvação de Portugal, na paz como na guerra.

O espirito da Contra Revolução enforma-se e toma campo, lançando á margem os revolucionarios de profissão para que o tempo lhe não falte no seu empirismo construtor.

O nacionalismo busca o seu esteio seguro numa organização genuinamente portuguesa, que o sindicalismo corporativista completa. Assim a restauração nacional vai-se começar na instauração do municipio, onde os municipes se representam, e não os politicos serventurios de qualquer partido. Os sindicatos do Trabalho e da Inteligencia, organizados, serão um factor poderosissimo da economia, e bem nacional que a Tradição exalta.

A acção nacionalista é apenas uma organização da Nação, é o regresso de Portugal a sua Casa, é dar a um povo o valor que perdeu, a dignidade que lhe roubaram, entregando-lhe a posse das liberdades que lhe pertencem e o definem.

E' a consciencia portuguesa que se ilumina como razão maxima da sua independencia, da sua existencia.

Abrindo fileiras sob a protecção da Cruz de Cristo, uma vez mais e sempre acordarão as energias, e o valor da Raça retomará o seu lugar no pedestal sacrosanto que as Eras de Quatrocentos e Seiscentos guardam para alteiar, num exemplo que nos vence, e nos dará a vitória atravez os demolidores que nos antolham o caminho com tantos espinhos de derrocadas.

Se no povoamento e na construção da Nacionalidade, durante a paz, a Cruz de Cristo foi o maior e unico estímulo á definição dum povo, para quem a Imortalidade baixou em premio de Deus, na Guerra, na Descoberta e na Conquista, sempre a Cruz de Cristo era com elle, abençoando-lhe as armas A quem e Além-Mar, entregando-lhe o mesmo valor na morte como na vida, na vitória como no sacrificio.

Havia, assim, a intuição bem vinculada, por uma devoção da alma, que a fama seria sempre com elle em horas de dôr e de alegria.

Glória ou Morte sabia então inscrever nas armas esse povo da Lenda e do Mistério, que sabia morrer para saber vencer.

Ressuscitemos essa devoção na organização da socie-

# O ESPIRITO NACIONALISTA

Os nossos propagandistas monarchicos, fóra do pensamento integralista, falam de rei e mais rei e mais rei. E' uma unidade valiosa para o ressurgimento da Patria. Mas não é a essencial.

«Os Meus Cadernos» — MARIOTTE.

Alguna cousa de superior nos domina nos anceios largos que despiendemos do nosso realismo confesso. Não é certamente a quele idiotismo que leva ás portas do ridiculo, nas inconscientes venerações a um rei-á-força, de muitos louros e dourados vestidos, com uma luzida cõrte de Inuteis, a razão dos principios monarchicos que semeamos. Se queremos um Rei para cupula das nossas realizações é porque verificamos a necessidade da unidade nacional ter uma incarnação na unidade da autoridade.

Assim apontamos em toda a nossa ação que acima do Rei existe para nós a Patria, e acima da Patria só vemos Deus.

Rei para gaudio dos nossos devaneios, já basta que seja o Rei Carnaval, que tanto diverte os novos como os velhos, e não causa transtornos graves á estabilidade nacional, por inofensivo.

Se a nação é indubitavelmente um maior ou menor agregado de familias, que a religião e a crença vão purificar, e com a familia o lar que é o sintoma inicial da «posse da terra», compreendamos immediatamente a necessidade da defeza pela unificação do agregado, e que seja tambem uma familia que a tudo preside—A Familia Real, por delegação da realidade social—o povo organizado que se define— a Nação.

Se o povo formado presta o juramento de fidelidade e vassalagem pelas Cõrtes que o representam, o Rei tem antecedido o dever da estreita observancia ao espirito nacional que o investe de suprema autoridade. E se um principio falece o outro torna-se insubsistente, pois não ha razão nacional que não brote a Realeza, nem Realeza sem baluarte nacionalista. São duas unidades tão gemeas, que separa-las é negar a Nação.

A aura que brandamente percorre a Europa a fortalece-la, a revigora-la, ante o cataclismo social que a assola (e neste rincão sagrado tanto se sente a amargurada existencia), é a regressão da familia ao lar que desdenhou ou esqueceu e agora procura sofrega e conselientemente como o crisol do sumo bem. E tanto mais perduravel se firmará a renovação imperiosa que acompanha o regresso natural que se alastra, quanto maior fór a devastação que suporte, quanto maior fór o descalabro que a anarquia social resumir, e que confusa dou-

trinas aspergiram a desvalrar sociedades, a atormentar povos para bem exclusivo duma quadrilha voraz.

«A monarchia é o melhor dos governos—diz Mariotte em «Os Meus Cadernos»—por que é aquele que melhor defende e incarna, na pessoa do rei, o interesse nacional. Se assistimos hoje a um reavivamento do principio monarchico, devemos no entanto reconhecer que esse reavivamento prende os reis com exigencias mais severas do que as que sobre elle impendiam em outras éras. O principio monarchico é todo subordinado ao interesse nacional. A nossa razão exige um rei, mas um rei que em todos os seus actos governativos não tire os olhos do interesse nacional, que em caso algum pode ser olvidado ou traído».

E tão util se apresenta, que bastará olhar a Italia e a Hespanha, onde o proletariado guerrilhava monarchias fantasmas da monarchia, e hoje é o seu melhor apostolo, o defensor mais acerrimo que conta, enquanto os conservadores da devassidão e do crime a detestam porque a organização nacional lhes não banqueteia o interesse particular, mas o dum povo inteiro—o interesse nacional.

O Rei não é dono da Nação. E' seu subordinado, e quando a traição ou a esquece, tem de ser respellido e nunca acatado. A sua autoridade subsiste enquanto a respeito, e a esse respeito é chamada a sua atenção—«Se não, não!»—E o inverso tambem é verdadeiro, quando o povo lhe apaga a autoridade.

E Mariotte, no seu espirito nacionalizador, tão vigoroso quanto puro, afirma bem pela Razão e pela Inteligencia, tão fulgurantes na sua pureza, que a Familia Real, que dentre um povo se nasce, não é além-fronteiras que se vai buscar, mas a dentro da Nação que vai governar. Evidentemente ainda, o herdeiro presuntivo é ao próprio pais que deve e tem de contrair esponsais, para que essa familia se continue portuguesa, como dentre portugueses se alçou.

A' sua obra pamphletaria toda a atenção portuguesa é necessaria. Nacionalisar Portugal é o fim nobre que alteia e singelamente almeja como melhor galardão.

O espirito nacionalista vê nas suas fileiras mais um fiel batalhador.

Assim, ha-de vencer Portugal Maior.

João d'Ourique.

## A Festa dos Expositores

Decorreu verdadeiramente bella a «festa dos expositores» realisada no preterito domingo no edificio da Escola Industrial, onde se realisou a Exposição Industrial e Agricola concelhia.

Verdadeiramente bella em tudo—pelo fim altruista que a move—esta festa foi uma das melhores, senão a melhor, que se tem realisado em beneficio das nossas casas de caridade.

E esta festa teve dedicações sinceras, teve esse Alberto V. Braga, amigo dedicadissimo, vimaranense dos que muito amam a sua terra, que andou, acompanhado de varios outros cavalheiros de «porta em porta»—que, neste caso, são os nossos estabelecimentos comerciais e fabris—angariando coisas varias de fabrico genuinamente vi-

maranense, para que a «festa dos expositores» realçasse, se tornasse verdadeiramente bella, convertendo o recinto numa exposição de maravilhas que, depois, se iriam transformar em pão—como as rosas da Rainha Santa—para mitigar a fome aos nossos pobresinhos.

Momentos encantadores foram esses, em que tudo se conjugava para que a festa resultasse imponente, e, assim, não faltaram lelloeiros,—não faltaram imitadores do sempre lembrado Inacio—não faltaram «eventos», senhoras gentis que emprestaram a festa dos pobresinhos—chamemos-lhe assim—toda a sua graça, toda a sua dedicação, para que o «mealheiro» fôsse aumentando, para que maiores fossem as esmolinhas a distribuir.

Animados pelo exemplo santo de São Vicente de Paula, todos foram incançaveis e tiveram a grande ventura de verem realisados os seus caritativos propósitos.

Bem hajam! Porque o Bem que se pratica deve orgulhar-nos sempre e terá a compensação ainda as bençãos do Ceu e os louvores de todos, nestas simples palavras que são um incitamento: «Quem dá aos pobresinhos empresta a Deus».

## Nicolinas

Segundo nos informam, a nossa Academia leva a efeito, este ano, a ressurreição das velhas Nicolinas, que tanto nome deu e tanto orgulho causou aos «antigos», hoje passados,—oh ironia,—a condição simples de velhotes—especie de guardas fiscaes ou zeladores, que tem por missão guardar a integridade dos Estatutos.

Tempos saudosos foram esses. E quem ha que não se lembre das diabruras desse endiabrado Jeronimo Sampaio—que elle nos perdõe—recitando—meuino e moço de cabeleira empoada—os bandos que o saudoso Braulio compunha tam magistralmente que se tornavam o enlevo de todos e condição sine qua non para que a festa resultasse brilhante?

Vão os novos fazer ressurgir a velha festança. Oxalá o consigam, para que a tradição da nossa Academia se continue e não venha a desaparecer nas inclemencias tragicas do tempo.

## Imprensa

«Revista de Guimarães»

Temos presente os n.ºs 2 e 3—Abril—Setembro—desta importante obra, com o seguinte sumario: «Cartas de Martins Sarmiento ao Prof. Pereira Caldas»;—«Arquivo da Colegiada de Guimarães», por João Lopes de Faria»;—«Falsificação e destruição de inscrições», por Carlos de Passos»;—«O nosso concurso», pelo prof. primario Joaquim de Almeida Guimarães»;—«Ha trinta anos. O Toural», interessante descrição por Fernando da Costa Freitas»;—«Cancioneiro de S. Simão de Novais», por Fernando de Castro Pires de Lima»;—«S. Gualter de Guimarães». Ensaio biografico pelo Padre Aloisio Tomás Gonçalves»;—«O S. Nicolau em Guimarães», por Domingos Ribeiro Dias da Silva»;—«Registo bibliografico» pelo Dr. Eduardo d'Almeida»;—«Boletim», por Alberto V. Braga.

«Revista de Legislação e Jurisprudência»

Recebemos o n.º 2.230 (ano 56) desta excelente revista de Direito, edição de Francisco França, de Coimbra, contendo «Secção doutrinal», pelo Dr. José Alberto dos Reis»;—«Processo Civil,—Direito Penal»,—«Direito Commercial»;—«Direito administrativo»;—«Relação de Coimbra. Acordãos»;—«Anotações».

## UMA HISTORIA

Contada pelo sr. dr. Bernardino Machado

a proposito do sr. dr. Afonso Costa

A revista *A Novela* foi entrevistar, sobre a situação politica, o snr. dr. Bernardino Machado, que lhe contou esta historia:

«O senhor quer ouvir uma historia, que vem muito a proposito?»

E canta:  
Eu fui amigo d'um medico muito conhecido e afamado no Porto. Um dia, uma senhora muito devota e temente a Deus adoeceu gravemente. Era de tal modo perigoso o seu estado, que para si, a unica salvação residia no famoso medico. A doente, desesperada, chamou um dos seus filhos e pediu-lhe que fosse com urgencia buscar o douto sabio, para que este a salvasse. Posto o medico ao facto da doença, na verdade melindrosissima, da tal senhora, respondeu ao rapaz que, n'aquelle momento, tinha uma outra visita a fazer, não podendo, portanto, deslocar-se para outro local.

«Então o pobre rapaz, tambem muito devoto e cegamente crente nas altas virtudes scientificas do sapiente doutor, exclamou de mãos postas, aflito, chorando amargamente:

O senhor doutor, passe ao menos, pela nossa rua e minha mãe melhorará!

Sorrimos. E Bernardino Machado remata:

—Esta historia pode aplicar-se perfeitamente á vinda de Afonso Costa a Portugal. Ele é o medico, que a credence arreigada pela acção dos maus dirigentes, fazem acreditar como possuidor d'um poder sobrenatural. E a multidão que o aguarda esperancada na milagrosa ressurreição, o pobre rapaz ingénuo e crédulo.

«Simplesmente se os deploraveis dirigentes que nos temem comprometido se apoderarem d'ele e não o deixarem tratar do doente, que é a Nação, não podemos ter a mesma esperanca de melhoras...»

Transcreve-se como curiosidade e mais nada...

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portugueses que acima de tudo coloquem o bom nome e interesse da sua Patria!

EXECUÇÃO PERFEITA

TRABALHOS EM CORES



PREÇOS

MODICOS

# A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

**João Esteves**

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

## GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos Ex.ºs Snrs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRANÇA, AFRICA e HESPANHA e mais nações da America e da Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

**JOÃO ESTEVES**

Passagens e Passaportes—Guimarães.

Ex.º Sr.,

—Viva Portugal!

Almacave.